



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

SARHA DENNISE PEDROSA CAVALCANTI

**IMPrensa FEMININA EM PERNAMBUCO:
REPRESENTAÇÕES, DISCURSOS, LEGITIMAÇÕES E
RELAÇÕES DE GÊNERO NO PERIÓDICO MARIA
(1920-1925)**

RECIFE

2022

SARHA DENNISE PEDROSA CAVALCANTI

**IMPrensa FEMININA EM PERNAMBUCO:
REPRESENTAÇÕES, DISCURSOS,
LEGITIMAÇÕES E RELAÇÕES DE GÊNERO
NO PERIÓDICO MARIA (1920-1925)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof^a. Ma. Élcia de Torres Bandeira.

RECIFE

2022

Imprensa feminina em Pernambuco: representações, discursos, legitimações e relações de gênero no periódico Maria (1920-1925)

Trabalho de conclusão de curso aprovado com nota _____ como requisito para conclusão da disciplina de TCC II, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: _____ Nota: _____

Prof. Me. Élcia de Torres Bandeira

Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Membro : _____ Nota: _____

Prof. Dr.^a Giselda Brito da Silva

Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Membro : _____ Nota: _____

Prof. Dr.^a Marcília Gama da Silva

Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Imprensa feminina em Pernambuco: representações, discursos, legitimações e relações de gênero no periódico Maria (1920-1925)

Resumo:

Esse trabalho apresenta a análise das mulheres e relações de gênero entre os anos de 1920 e 1925 no estado de Pernambuco através da revista religiosa Maria. A construção do texto passa pela imprensa feminina, a visão sobre a mulher na Igreja Católica, o movimento feminista dos anos 1920 no Brasil, compreendendo as mudanças a qual o país passava nas primeiras décadas do século XX e a resistência do progresso para alguns grupos. A fundamentação teórica utilizada será Joan Scott para a discussão de gênero e Roger Chartier para trabalhar as representações e a História Cultural.

Palavras-chave: Mulheres, gênero, imprensa feminina.

Abstract:

This work has the analysis of women and gender relations between the years 1920 and 1925 in the state of Pernambuco through the religious magazine Maria. The construction of the text passes through the feminine press, the vision about the woman in the Catholic Church, the feminist movement of the 1920s in Brazil and understanding the changes that the country was going through in the first decades of the 20th century and the resistance of progress for some groups. The theoretical basis used will be Joan Scott for the discussion of gender and Roger Chartier to work on the representations and Cultural History.

Keywords: Women, gender, women's press.

Sumário

Contexto histórico e a revista	6
Valores	7
O gênero.....	10
A moda e os novos modelos	11
A leitura e escrita.....	13
Feminismo e imprensa feminista	14
Mulheres da classe trabalhadora.....	16
Educação e mercado de trabalho.....	18
Considerações finais	20
Referências	20

Contexto histórico e a revista

Durante o século XIX o Brasil passou por grandes mudanças. Como aponta Maria Ângela D'Incao (2004), houve fenômenos como a consolidação do capitalismo, além de uma nova roupagem nas formas de convivência social estimulada pela ascensão da burguesia e o surgimento de uma nova mentalidade burguesa. Desta forma, este artigo pretende trazer a discussão sobre a necessidade de analisar as questões que envolvem as relações de gênero no periódico *Maria* durante os anos de 1920 e 1925.

Nesse contexto, a Revista *Maria* circulou entre mulheres católicas, letradas e da elite de Pernambuco e outros estados nordestinos, no período de 1913 e 1969. Com sede em Recife e depois Olinda, a revista das filhas de *Maria* surge junto à história de outro periódico, o *A Tribuna*, posteriormente denominado como *A Tribuna Religiosa*. Destinado a mulheres solteiras e católicas, a revista *Maria*, com edição mensal, tinha “o intuito de expandir, de forma mais dinâmica, os seus conceitos éticos e morais” (AMARAL, 2014, p. 205). O periódico tinha como intuito propagar um ideal de mulher aceito e cobrado pelas elites ligadas à Igreja Católica. Assim, neste trabalho será feita uma análise de discurso da Revista *Maria* entre os anos de 1920 e 1925, em razão do avanço do movimento feminista no país, sendo possível ver através das páginas as mudanças que a sociedade vinha sofrendo desde a moda, o próprio movimento feminista, a busca das mulheres da elite no mercado de trabalho, o sufrágio feminino, entre outros temas relevantes na época, sendo as filhas de *Maria* contrárias a estas novas ideias e movimentos.

Segundo Walter Valdevino do Amaral (2014, p. 208), a Igreja Católica passava por um momento no qual muitas ideias circulavam entre seus membros, ideias essas contra a Verdade, pois era um “momento histórico em que passava a ser questionada” (AMARAL, 2014, p. 208). Assim, com a estratégia de barrar a má imprensa na casa de seus fiéis, é criado em 1910 o Centro da Boa Imprensa, que ainda segundo o autor, vem para “nortear a reorganização da imprensa católica” (p. 207).

Porém, anteriormente, já em 1902 nasce o jornal *A Tribuna*, que

pertencia a Arquidiocese de Olinda e Recife, contendo “publicação de questões e visões oficiais da Igreja Católica” (AMARAL, 2014, p. 212). Quando em 1911 o periódico passa a incentivar a participação das mulheres católicas no jornalismo, as associações femininas passam a divulgar exaustivamente o jornal, aumentando as vendas e o alcance dos escritos. (AMARAL, 2014, p. 216). Assim começa a História das filhas de Maria no jornalismo pernambucano. Propagadoras da boa imprensa e da moral católica.

Valores

Os valores cobrados ao sexo feminino na sociedade brasileira do início do século XX eram heranças das Ordenações Filipinas, mesmo o Código Civil vigente ser o de 1916. Nele, segundo Caulfield (2005, p. 61) “Enquanto a variedade de ofensas morais e a severidade das punições foram reduzidas, o novo código manteve o princípio básico de diferenciação entre homens e mulheres”. Nele era respaldado a ideia de que a honestidade de uma mulher dependia de uma virtude moral exemplar, diga-se, sexual, enquanto o homem era digno de respeito se trabalhasse e não estivesse ligado a atos ilícitos, ainda segundo Sueann Caulfield.

Mas não eram apenas as leis que cobravam da mulher uma conduta exemplar quanto ao matrimônio, mas acima de tudo, a Igreja Católica, utilizando o pensamento de Santo Agostinho e de Tomás de Aquino. Segundo Scott (1996, p. 78), “nos escritos de Agostinho, a razão na filosofia moderna está vinculada não apenas ao controle racional, no seio da alma, mas também ao controle dos homens sobre as mulheres, no mundo social”. Já durante a Alta Idade Média, se estende o crescimento do culto a Maria, com sua glorificação da virgindade. Tomás de Aquino atesta a vigência da opinião que:

as mulheres devem ser purificadas de uma sexualidade corruptora. A partir dessa concepção, as mulheres comuns que se tornavam mães, e com isso perdiam sua virgindade não podiam em suas mentes, ou nas mentes dos outros, ser identificadas com essa imagem idealizada da mãe. Maria era sobrenatural; ela não teve que lutar contra a tentação da carne. (LEMOS, 2010, p. 120-121)

Em contrapartida, já que a tentação da carne havia vencido, que a mulher cumprisse seu papel, o de procriar, sendo o sexo apenas para este fim e

dentro do casamento. Ainda para a autora, Aquino defendia a ideia de que a mulher é um ser imperfeito, ligado ao pecado e sujeito ao homem.

Para análise do periódico Maria foi utilizado Tania Regina de Luca (2008, p. 120), observando na imprensa valores, hábitos e transformações de um certo período e sociedade, compreendendo:

a difusão de novos hábitos, aspirações e valores, as demandas sociais, políticas e estéticas das diferentes camadas que circulam pelas cidades, os conflitos e esforços das elites políticas para impor sua visão de mundo e controlar as "classes perigosas", a constituição dos espaços públicos e os meandros que regiam seu usufruto e circulação, as intervenções em nome do sanitarismo e da higiene, a produção cultural e as renovações estéticas.

Dito isso, foi então localizado o público-alvo da imprensa, as características do material impresso, o grupo e os responsáveis pelas publicações, como se mantinha e por fim, a análise de todo o material através da problemática, ou seja, a questão de gênero e a imprensa feminina católica. Os outros tópicos serão abordados com mais detalhes à frente.

A revista tinha um público-alvo claro: jovens mulheres, brancas, solteiras, católicas e de classe alta, mas era também consumido por mulheres casadas e de mais idade. Os assuntos abordados eram:

notícias locais, nacionais e internacionais, tanto religiosas quanto laicas; atividades a serem realizadas e as já realizadas pelo clero, pelas igrejas e pelas próprias Filhas de Maria; textos de combate às novidades modernas consideradas perniciosas (como roupas, danças e cinema); poesias; artigos sobre devoção, vida religiosa, boa conduta etc. (AMARAL, 2014, p. 219)

Na primeira edição analisada, janeiro de 1920, há o início de uma série de respostas das leitoras sobre como deve ser uma jovem católica no seu lar, vindo de um concurso. Esse consistia em respostas das jovens autoras sobre como uma jovem mulher deveria se comportar no lar e qual sua função dentro da família cristã. As respostas eram enviadas através de cartas e as melhores foram escolhidas e postadas em um artigo especial. Em uma das respostas escolhidas do mês dizia:

o viver no próximo é dever obrigatório de todo cristão, especialmente da jovem, e único fim da vida humana. Para ser uma colaboradora, apoio e consolo do homem na peregrinação terrena, foi que Deus dotou a mulher com um coração generoso, perspicaz e cativante. A primeira missão da jovem é no próprio lar, meio que ama e em que é amada, e onde adquire facilmente um modesto império sobre todos que o cercam. (VIOLETA, 1920, p. 9)

Esse ideal da jovem católica corrobora com o argumento de que a mulher está em segundo plano nas tomadas de decisão, sendo “prendada, abnegada e subserviente” visto como “dom natural” (LEMOS, 2010, p. 108). Mais à frente, em fevereiro de 1920 havia tal resposta:

Que papel pois mais adequado as jovens católicas de nossos dias, que o de zeladora do lar? Sim, porque agora, mais que nunca, é necessário abrir à luz os olhos das mães de família, procurando incutir em seus ânimos a necessidade da consagração a Jesus dos seus lares, e o cumprimento exato dos seus deveres religiosos e sociais. (IGNEZ, 1920, p.22-23)

Nesse mundo novo, D’Incao (2004, p. 230) discorre como era importante reforçar os valores esperados do sexo feminino, sendo eles repassados não só pela Igreja, mas também pelos discursos médicos, educativos e pela imprensa, esperando que as mulheres estivessem preparadas para o lar e sua família. Esperava-se uma “mãe dedicada que dispensava especial atenção ao cuidado e à educação dos filhos (não recorrendo mais a amas de leite, por exemplo), responsabilizando-se também pela formação ‘moral das crianças’” (SCOTT, 2012, p. 17).

E como essas mulheres reforçavam os papéis esperados para seu gênero? Além do discurso da Igreja e do Código Civil há citações diretas da Bíblia, o livro sagrado cristão, e isto pode ser visto nos meses de junho, julho, agosto, setembro e outubro de 1920, nos quais há artigos de opinião sobre a mulher no ponto de vista socialista, o oposto da visão cristã.

Para Ruth, jornalista do periódico que tem um espaço só seu a cada edição, o Respigando, no socialismo a mulher é libertina, busca o amor livre e a independência financeira, lutando contra os homens para ocupar espaços públicos, além de desprezar “a maternidade, isto é, a mais nobre, a mais necessária e imprescindível função da mulher” (RUTH, 1920, p. 79). Mais uma vez maternidade e mulher são uma coisa só. Mais à frente, na mesma página, Ruth- a qual não é dito o sobrenome, assim como a maioria das escritoras- afirma que no socialismo feminista há a exigência do abandono da religião, porém, “o sentimento religioso constitui uma parte notabilíssima e interessantíssima da psicologia feminina” (RUTH, 1920, p. 80). Assim, conclui-se que é contra a natureza feminina ser uma socialista feminista.

O gênero

Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? (SCOTT, 1995, p. 74). Durante um bom tempo, trabalhos sobre História das mulheres foi substituído pelo termo gênero, sempre em comparação, pois se há História das mulheres é porque existe a do homem, ou ainda para mostrar diferenças anatômicas e sexuais (SCOTT, 1995, p. 75), como mostra o discurso médicos do século XX e o religioso, de subordinar a mulher por sua anatomia ou suposta fragilidade ao sexo masculino.

Então é proposta a categoria gênero enquanto construção e estrutura social, pois:

Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corposexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. (SCOTT, 1995, p. 75)

Estruturas de gênero podem ser vistas na revista Maria, uma vez que o sexo biológico feminino e o ato de dar à luz são sinônimos de mulher, reforçadas pelo discurso religioso, ou seja, construído. Ao falar sobre a aprovação do voto feminino na Itália, Ruth escreve:

Se a coisa se generalizar, teremos os papéis trocados!!! A mulher tem a sua esfera de ação dentro do lar. Esta é uma verdade que sempre antiga, será também sempre nova.
A mulher não foi criada para filosofar, fazer literatices, votar e dirigir povos e nações. (RUTH, 1920, p. 41)

Enquanto isso, o movimento sufragista no Brasil ganhava cada vez mais força -alvo de boa parte das críticas da revista- mas remonta ao século XIX, quando desde a primeira constituição da República em 1891, foi pauta de discussão. Apesar do projeto de lei não ter passado e as mulheres não conseguirem seu alistamento eleitoral, não havia nada escrito de forma explícita que pessoas do sexo feminino estavam proibidas de votar e ser votadas, (PINTO, 2003, p. 15-16), por isso, continuaram lutando para o sufrágio acontecer.

Assim, em 1910 foi criado o Partido Republicano Feminino, composto por mulheres, que, por sua vez, não tinham direitos políticos. Elas defendiam:

O estatuto do partido dá uma ideia muito clara do que pretendiam essas mulheres: não defendiam apenas o direito ao voto, mas falavam de emancipação e independência. Atribuía-mos à mulher qualidades para exercer a cidadania no mundo da política (o patriotismo) e no trabalho. E, extrapolando a questão dos direitos, propugnavam o fim da exploração sexual, adiantando em mais de 50 anos a luta das feministas da segunda metade do século XX. (PINTO, 2003, p. 18)

Porém, para Ruth, o fato de a mulher ser mulher a leva a um papel social, o de rainha do lar, e qualquer coisa que saia disso é antinatural, cabendo aos bons escritos e a Igreja Católica não a desviar de seu apostolado. Este papel não é visto como construção, mas como verdade absoluta, caracterizando o oposto do conceito de gênero que Joan Scott defende.

A moda e os novos modelos

E como andava o feminismo nos anos 1920? Os tempos eram outros, pois:

mudanças importantes afetaram as imagens femininas. As oportunidades de trabalho assalariado cresciam juntamente com a escolaridade das jovens, fazendo com que mais mulheres passassem a encontrar emprego em lojas, escritórios e escolas primárias, por exemplo. Com isso, “moças respeitáveis” começaram a ser vistas cada vez mais circulando pelas ruas, num desfile que inspirava poetas e compositores e ajudava a transformar o significado de antigos ideais de recato. (PINSKY, 2012, p. 475)

Porém, ainda segundo Carla Pinsky (2012, p. 481), a Igreja Católica continuava a difundir modelos e condutas, que brigavam diretamente com os novos modelos importados de outros países, como a moda, o cinema e o estilo de vida mais atlético, assim como mulheres sendo vistas desacompanhadas nas ruas. Por este motivo se dá a importância da imprensa católica destinada a mulheres, para barrar este avanço. Como elas saíam mais às ruas houve:

a necessidade de mobilidade no trabalho, nos passeios e nas atividades de compras, as saias ficaram mais curtas e as vestes, um pouco mais soltas, livres da rigidez de espartilhos e anquinhas e das várias camadas de tecido a cobrir o corpo. O prático corte de cabelo à *lagarçonnet* também ganhou adeptas, denotando ainda a maior aceitação de uma atitude que incluía pitadas de ousadia, decisão e malícia. (PINSKY, 2012, p. 475)

Nos meses finais de 1922 há a criação de uma nova seção de opinião na revista Maria, a página de Modas e modos. Assinado no mês de agosto por J. Petronillo- não ficando claro se é homem ou mulher- há a afirmação de que o periódico não deixará de falar das novas modas:

A moda insensata não conhece barreiras; entra todos os dias nos teatros e salões, passeia pavoneante pelas ruas e ousadamente escala os humbraes do templo de Deus!... Acha pouco ainda e chega ao ápice da audácia, aproximando-se escandalosamente do lugar mais santo, da mesa eucarística perto d'Aquele que é a Pureza e a Santidade por excelência! (PETRONILLO, 1922, p. 122)

A Igreja mostra muito bem seu posicionamento, e as opiniões não param:

Como uma verdadeira pandemia, os exageros da moda atacaram as nossas meigas e gentis patrícias, tão encantadora quando no papel da verdadeira moça da sociedade, com pureza de costumes no proceder, nas conversas em que revelam conhecimento da moral e virtudes indispensáveis a mulher (MARIA, 1922, p. 187)

De forma clara é possível perceber como a crítica aos novos modos era destinada às moças da alta sociedade, visto que:

Evidentemente, trata-se de mulheres das camadas abastadas, que não trabalham e que dedicam grande parte de seu tempo ao culto pessoal, ao embelezamento pessoal e ao consumo. No limite, esta figura apresentada como a melindrosa fútil e interesseira, grande consumidora das novas modas parisienses. (RAGO, 2005, p. 206)

Os cinemas também foram alvo de críticas. Ruth em seu Respigando conta como o cinema é veículo de corrupção, fazendo mal a alma, pois:

Dizer que o cinema não influe no estado psicopatológico dos seus frequentadores, é uma cilada que se arma aos moços incautos e imprevidentes de nosso tempo. Donzelas, fugir os cinemas sem escrúpulos, que todos são os tais, os de hoje. (RUTH, 1921, p. 27)

Isso se dá pois, ao saírem, as moças deviam estar sempre acompanhadas de pai, irmão, irmã, mas o ambiente com muitos homens era desencorajado, saindo elas comumente para igrejas, cafés e confeitarias com pessoas da sua classe, ou seja, passeios higienizados, o que não era o caso das salas de cinema. (MIGUEL; RIAL, p. 154), pois:

O cinema era pra todos (que podiam pagar). Acompanhadas de familiares ou amigas frequentavam as salas de projeção espalhadas pelo Brasil desde os anos 1920, quando surgiram os primeiros cinemas no país. Os mais conservadores, especialmente os católicos, não perderam tempo em criticar as "más influencias" dos filmes exibidos em ambientes escuros nas mentes dos jovens e mulheres. (MIGUEL; RIAL, 2012, p. 154)

A dança assim, como a jovem moderna, também foi cruelmente criticada:

Escreveram:

Cícero: -Não dança, senão quem está bêbado, ou louco de todo, a dança encerra em si todos os vícios.

Ovidio: -As danças são as sementes dos vícios.

Tertuliano: -A sala de dança é o templo de Vênus e casa de impureza.

São Basílio: -A dança é tráfico vergonhoso das obscenidades.

São João Crisóstomo: -A dança é a escola das paixões impuras.

Santo Ambrósio: -As danças são a morte da honestidade. (RUTH, 1925, p. 28)

Em suma, a cristã que se preze deve:

Sanear o teatro, que deixou de ser escola de arte para ser balcão da honra, expurgar o cinema que não é mais uma sala de diversão, mas antes um antro de podridão social em que se perverte a família, dar modos à moda que passeia nas ruas a sua nudez impudica, amordaçar a pornografia literária que está pervertendo a inteligência com um grande perigo para a mentalidade brasileira, não é isto higiene e profilaxia? (CENTRO PROFISSIONAL de trabalhos domésticos, 1924, p. 57)

A leitura e escrita

Excluídas da história pública, é nos arquivos privados que as mulheres ganham voz. Essa escrita era “privada, e mesmo íntima, ligada à família, praticada à noite, no silêncio do quarto, para responder as cartas recebidas, manter um diário e mais excepcionalmente, contar sua vida”. (PERROT, 2006, p. 28), levando-as a um silêncio historiográfico, fazendo com que muitas feministas no século XX construíssem arquivos para que a história das mulheres não caísse no esquecimento. (PERROT, 2006, p. 30).

Na esfera pública, a escrita feminina começa na literatura e no jornalismo, sendo o primeiro universo masculino que adentraram. (PESSOA, 1995, p. 91). A elas era recomendado leituras leves e:

podia ser feita nos intervalos entre o preparo das refeições e praticamente em qualquer lugar com luz suficiente. Embora moralistas alertassem para o fato de que livros podiam “colocar minhocas” na cabeça das mais tolas, era preferível tê-las entretidas dentro do lar que debruçadas na janela ou fofocando por aí, na melhor das hipóteses. Para contornar os perigos, bastava estar atento ao tipo de leitura acessível a elas. (MIGUEL; RIAL, 2012, p. 151)

É nesse contexto que a imprensa católica destinada a mulheres ganha força, podendo ser vista no periódico Maria a crítica a conteúdos não salutares e a indicação de livros religiosos, inclusive com espaço para propaganda em suas páginas.

No Maria, Dolores, em julho de 1920, em um artigo de opinião diz:

“vejam as caras leitoras o efeito salutar de um bom livro e prefiram-no sempre a esses romancezinhos frívolos que de outra coisa não servem senão para desperdiçar o tempo e contaminar a consciência” (NA INTIMIDADE d’uma alma, 1920, p. 92). Ainda no mesmo ano Maria Eustella completa:

Cruzam-se as penas femininas em luta de inteligências: não nos envergonhemos de fazê-lo, uma vez que a má imprensa tem as vezes seu principal elemento em mulheres envenenadas que cospem blasfêmias dia e noite sobre a face pura do divino Jesus. (EUSTELLA, 1920, p. 132-133)

Atacando a imprensa anarquista e feminista, as jornalistas exaltavam suas companheiras “cultivando uma rede de correspondências constante, um diálogo se estabelece entre as jornalistas em se fazer ouvir igualmente em ouvir outras mulheres e divulgar-lhes as ideias e os escritos”, (PESSOA, 1995, p. 99). Nesse periódico as escritoras também parabenizam as outras constantemente, ressaltando sua boa escrita e defesa aos valores cristãos.

Além dos artigos de opinião havia também o espaço para poemas dedicados a Maria, em sua maioria escritos por Virgínia de Figueiredo. Suas poesias são de caráter sacro e constantemente exaltam a pureza da Mãe de Jesus:

Consolatrix Afflictorum

Oh! Virgem, Mãe do Deus crucificado
Meu ser, imerso em ânsias, te procura,
Qual lasso viajor a fonte pura
A refrescar lhe o peito ebraseado

Consente que teu seio imaculado,
A minha alma sedenta de ternura,
Seja o mel a adoçar toda amargura,
Seja a graça a banir todo o pecado.
(DE FIGUEIREDO, 1921, p. 87)

Feminismo e imprensa feminista

Enquanto isso, jornais de cunho feminista e a favor de mais direitos para as mulheres se espalhavam pelo Brasil e também em Pernambuco desde o começo do século passado, como mostra Isabelle Lúcia de Oliveira Barbosa (2020, p. 145):

Boa parte das mulheres letradas teve espaço dentro da imprensa, que se constituiu já no século XIX e ganhou expressão nas primeiras

décadas do século XX. Através dos periódicos, as mulheres recifenses transgrediram, transformaram e transmitiram valores estabelecidos por uma sociedade de padrões sexistas. (BARBOSA, 2020, p. 145)

Nos periódicos, mulheres das camadas médias e altas escreviam em tom e caráter emancipatório e social, mas não revolucionário, como O Myosotis, A Mulher, A Rosa, todos jornais femininos de Pernambuco que circularam entre as duas últimas décadas do século XIX e a primeira do XX, e tinham como estratégia sempre se mostrar jornais humildes, modestos e pequenos, mas ainda sim declarando o desejo por mais espaço na sociedade. (SIQUEIRA, 1995, p. 46).

Ainda nos anos 1910 mulheres já se organizavam em luta política, com o intuito de debater sobre o voto feminino no senado, sendo organizadas passeatas em 1917 no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, mas, no mesmo ano, um projeto de lei sobre o sufrágio foi submetido à Câmara e completamente ignorado. (SOIHET, 2012, p. 219). Mas foi a partir de 1918 que a carioca Bertha Lutz, voltando da Europa, desponta como grande representante do feminismo mais moderado. Soihet conta ainda que Lutz organizava-se em associações, fazia aparições públicas defendendo seus ideais e escrevia artigos, além de dar entrevistas a jornais (2012, p. 220).

Ao mesmo tempo que o feminismo liberal e mais conservador de Lutz ganhava força, havia também o feminismo anarquista das mulheres trabalhadoras. O movimento anarquista, nascido num contexto de migração de europeus durante a tardia industrialização brasileira para os grandes centros urbanos também influenciou o movimento de mulheres (PINTO, 2003, p. 33), visto que essas viviam em situação de extrema vulnerabilidade, mas também de contestação da realidade:

é nesses espaços revolucionários, não feministas em princípio, que se encontravam, nas primeiras décadas do século XX, as mais radicalmente feministas, no sentido de uma clara identificação da condição explorada da mulher como decorrência das relações de gênero. Diferentemente das lutas das sufragistas, essas mulheres apontavam sem meias palavras a opressão masculina. (PINTO, 2003, p. 34)

E como pensavam as filhas de Maria sobre o voto feminino? De forma geral, apontavam que naturalmente o corpo e mente das mulheres não

comportavam a vida fora da esfera privada do lar e que não lhe competiam temas públicos e políticos, pois seu papel natural enquanto mulher era de mãe, esposa e dona de casa. O sexo feminino escolher algo que não apenas a família seria a perdição do mundo como diz Ruth, apontando ainda alguns pensamentos comuns a época, na sua dura crítica ao socialismo e deserção feminina:

Mas há fortes motivos para acreditar que a leviandade e a vaidade tão comum nas mulheres, a superficialidade de seus conhecimentos e o seu sentimentalismo acabariam cobrindo-os de ridículo e pondo a desordem nos vários ramos da administração pública. (RUTH, 1920, p. 108)

Mulheres da classe trabalhadora

O oposto das mulheres burguesas eram as da classe trabalhadora, “da qual se esperava uma força de trabalho adequada e disciplinada”. (SOIHET,2004, p. 362). Para a autora, era feita uma grande pressão sobre elas, esperando um comportamento adequado de toda a sua família, visto que muitas dessas eram compostas pela mãe e seus filhos (2004, p. 362). Isto acontece por que “na última década do século XIX intensificou-se o processo de modernização do Brasil, com o fim da escravidão e do regime monárquico, atrelado a crescente urbanização, imigração, migrações internas e industrialização” (MATOS; BORELLI, 2004, p. 127).

As Filhas de Maria, que tanto se opunham ao trabalho feminino -mas só das mulheres burguesas- ao dizer “Como encanta o lar onde a mulher pouco se preocupa com a vaidade e o tumulto exterior que redemoinha nas ruas, para embalar o filhinho e fazê-lo um homem feliz em quem Deus se compraz e se honra a Pátria?” (RESPIGANDO, 1920, p. 49), mostra que a criança e a mãe se satisfazem mutuamente, numa representação como Maria e Jesus (LEMOS, 2010, p. 94), também diz:

- Tiburcia! Paciência; tu estás falando de uma parte do valor do teu trabalho e te esqueces da outra. A primeira é a natural, a segunda a sobrenatural. Olha, te peço, pensa um instante nesta segunda e forçosamente ao refletires um pouco, concluirás que tanto vales tu como operária que és, quanto a mais estimada rainha ou talvez mais ainda!

- Zezinha, deixa-te de histórias. Eu... uma rainha! Queres fazer-me rir? Exclamou Tiburcia um tanto alterada.

- Eu, aos meus olhos, sou tal qual uma escrava. Escrava dos

países crava dos meus superiores, escrava do meu trabalho, escrava dos mil e um vexames, enfim, escrava de tudo. (BERNADELIA, 1921, p. 53)

Quanto às representações de mãe-filho e Maria-Jesus propagadas pela Igreja e adotada por essas mulheres do periódico em questão, pode-se compreender através de Chartier que é:

construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 2002, p. 73).

Chartier ainda contribui para a interpretação da revista enquanto documento histórico que representa um grupo e sua maneira de pensar, uma vez que:

A leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência: ela é uso do corpo, inscrição em um espaço, relação consigo ou com outro. É por essa razão que devem ser reconstruídas as maneiras de ler próprias a cada comunidade de leitores (CHARTIER, 2002, p. 70)

Ainda sobre a mulher operária, Bernadélia em seu artigo citado anteriormente repreende uma operária que reclama de tanto trabalho, mas a exalta dizendo que seu trabalho tem valor, incentivando a trabalhadora a ler um livro intitulado “Rei ou Escravo”, para aprender a apreciar a vida. É nítido como era necessário conter a massa trabalhadora feminina da revolta, sendo isto feito através de escritos religiosos. Porém, a rotina de trabalho destas mulheres era:

muito pesada, variando de 10 a 14 horas diárias, e estava sob supervisão dos contramestres e outros patrões. Em geral, na divisão de trabalho, as mulheres ficavam com as tarefas menos especializadas e mal remuneradas; os cargos de direção e de concepção, como os de mestre, contramestre e assistente, cabiam aos homens. Sem uma legislação trabalhista que pudesse proteger o trabalho feminino, as reclamações das operárias contra as péssimas condições de trabalho, contra a falta de higiene nas fábricas, contra o controle disciplinar e contra assédio sexual encontram espaço na imprensa operária. (RAGO, 2004, p. 583-584)

Um dos pontos contra o trabalho feminino das mulheres de segmentos mais abastados era a falta de vigilância que estas mulheres teriam quanto aos filhos e principalmente às filhas, visto que a educação e o cuidado com os filhos passaram das amas de leite para as próprias mães. Porém, “essa exigência afigurava-se impossível de ser cumprida pelas mulheres pobres que

precisavam trabalhar e que para isso deviam sair às ruas a procura de possibilidades de sobrevivência.” (SOIHET, 2004, p. 365). Rachel Soihet afirma que a rua era espaço de desvio de conduta (2004, p. 365), por isso o desincentivo ao andar pelas ruas, avenidas, teatros e cinemas, além do mercado de trabalho, mas claro, só se forem mulheres de categorias abastadas.

Educação e mercado de trabalho

A educação feminina foi uma pauta extremamente cobrada pelas feministas. Dentre as pautas de Bertha Lutz estava, como primeira pauta da Federação Brasileira do Progresso Feminino “Promover a educação da mulher e elevar o nível de instrução feminina” (KARAWEJCZYK, 2013, p. 278). Historicamente, a elas foi negada a educação formal por serem consideradas corruptíveis (ROSEMBERG, 2012, p. 338). Foi apenas em 1827 que legalmente as mulheres puderam estudar, mas em escolas totalmente femininas, podendo após o ensino básico frequentar escolas normais, mas não superiores, supostamente por saúde frágil. (ROSEMBERG, 2012, p. 334).

Para a Igreja Católica, turmas mistas não era recomendado, uma vez que atentavam contra a moral e os bons costumes:

2- Quanto aos exercícios de ginásticas nas escolas, incumbe aos pais de família o gravíssimo dever de vigiar rigorosamente e exigir que, no local destinado à ginástica, as crianças sejam separadas segundo os sexos; e os professores nunca esqueçam do respeito que devem à infância. (ZITA, 1921, p. 155)

Dentre as profissões socialmente aceitas para as mulheres estava o magistério, pois são verdadeiras mães com vocação ao ensinar, comparando ao sacerdócio (ROSEMBERG, 2012, p. 338). Foi com a criação das escolas normais que no final do século XIX muitas mulheres chegaram a esta profissão, muito mais que os homens, o que gerou burburinho na época, mas logo foi visto como algo benéfico, ainda com o argumento de que eram educadoras naturais (LOURO, 2004, p. 450). A própria Igreja tinha a iniciativa de criar escolas de preparação para moças formarem-se professoras:

O Exm^o. O Sr. Bispo Diocesano quer transformar o atual colégio das Irmãs Doroteias em um instituto mais vasto, mais consentâneo com as

modernas exigências pedagógicas, onde possam as nossas patricias sertanejas receber o grau de professoras, sem precisar recorrer aos colégios da capital, para tal fim. (L, 1922, p. 78)

Também como professoras, algumas mulheres davam aula de ramos ligados ao feminino como pintura, piano, desenho, pois “faz parte de uma boa educação através da iniciação às artes de entretenimento” (PERROT, 2006, p. 101). Visto isto, propagandas para tutoras de piano e pintura aparecem em várias edições e anos.

A Igreja também aprovava enfermeiras, como mostrado no artigo sobre a criação do Hospital Bicentenário, mas esta já era uma profissão ligada a mulheres e à Igreja pois “os cuidados com o corpo do doente, até então eram confiados às religiosas dos hospitais e dos asilos” (PERROT, 2006, p. 125). O higienismo pode até ser visto nessa área, pois se antes os hospitais eram insalubres, passam no século XX a zelar pela limpeza. (MATOS; BORELLI, 2012, p. 138). Neste contexto de Igreja- enfermagem:

D. Abbade pensou, com sérios e bem justificados motivos, na criação de uma escola de enfermeiras católicas que, consolando amanhã, os desafortunados e enfermos, pensando-lhes os sofrimentos físicos, deitassem-lhes n'alma o bálsamo reconfortante da fé. (O HOSPITAL Centenário, 1922, p. 110)

Mas foi ao serviço dos homens e da nação que as mulheres puderam ampliar seu leque de saberes além da literatura de amor e artes. Era necessário que elas fossem ensinadas, mas ensinadas no papel de mulher, esposa, mãe, que fosse obediente, pudica, de boa moral, e útil para a sociedade. (PERROT, 2006, p. 93). Assim,

A educação para mulheres de classe alta era centrada na preparação para seu “destino final” de esposa e mãe. Além disso, elas eram vistas como guardiãs do lar e da família, mantenedoras da “base moral” da sociedade. Alguma educação poderia auxiliá-las a serem mães melhores, e melhores companheiras para seus maridos. Apesar de tanto tradicionalistas quanto os favoráveis à modernidade argumentarem que as mulheres pertenciam ao lar, os segundos alargavam o significado do papel familiar feminino ao enfatizar o poder das mulheres de direcionar o desenvolvimento moral de seus filhos e filhas e fornecer bons cidadãos (homens) à nação. (HABNER, 2012, p. 57)

Era necessário que as mulheres tivessem o mínimo de instrução para que continuassem com sua função básica: criar cidadãos. Mães ignorantes ou pouco instruídas não dariam continuidade ao ideal burguês, porém, sua instrução não deveria passar disso, como mostrado acima.

As filhas de Maria corroboram com tal pensamento:

A Igreja quer mesmo e aplaude a instrução na mulher para que ela possa desempenhar o seu apostolado social de mãe e esposa. Agora querer que a mulher com a deserção fatal do lar, seja médica, advogada, política, diplomata, presidente da República é o que eu acho um exagero. (EU PENSO que, 1923, p. 126)

Considerações finais

Comovisto, a revista Maria foi de grande importância para a Igreja Católica em Pernambuco, difundindo os preceitos e dogmas esperados para as mulheres. Essas jornalistas, uma vez tendo espaço dentro da imprensa mostraram os seus ideais, pensamentos, dúvidas, medos, angústias, e, sobretudo, o seu papel na sociedade. Enquanto o movimento feminista ganha corpo e voz em outros periódicos, estas mulheres através do Maria reforçam os papéis tradicionais, sendo críticas à plena realização das mulheres enquanto sujeito e cidadãs ativas.

É perceptível como não existe apenas uma história das mulheres, um pensamento homogêneo, pois, mesmo sendo coetâneas, há embates entre segmentos femininos tão amplos e diversificados, necessitando uma análise que considere essas diferenças e os discursos que propagavam enquanto sujeitos sociais pertencentes a um lugar social.

Além disso, é perceptível como o direito das mulheres avançou desde o começo do século XX, mas muitos dos discursos misóginos feitos na sociedade atual são diluídos e ressignificados com respaldos de sexismo e diferenciações de gênero desse período e de períodos passados, dificultando a tomada plena de poder das mulheres em todos os espaços até hoje. É possível entender a situação feminina na sociedade brasileira através dos discursos do passado, assim como suas continuidades.

Referências

AMARAL, Walter Waldevino do. Apostolado da boa imprensa: contribuições das Filhas de Maria na imprensa católica (Pernambuco, 1902-1922). **Escritas**, 2014, v.6. p. 204-224.

BARBOSA, Isabelle Lúcia de Oliveira. Entre rastros e rostos: presença das mulheres nas revistas recifenses no início do século XX. In: NASCIMENTO, Alcileide Cabral do; LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da (org.). **As mulheres na cidade do Recife: feminismo, cultura e transgressão**. Recife: EDUFRPE. 2015. p. 143-174.

BERNADELIA. O que eu valho. **Maria**, ano 9, n. 5, p. 53, mai. 1921.

BORELLI, Andrea; MATOS, Raquel de Barros. Espaço feminino no mercado de trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 126-147.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação do Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000. p. 51-68.

CENTRO profissional de trabalhos domésticos. **Maria**, ano 12, n. 4, p. 57, abr. 1924.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002. p. 61-80.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família Burguesa. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 223-242.

DE FIGUEIREDO, Virgínia. ConsolatrixAfflictorum. **Maria**, ano 9, n. 7, p. 87, jul. 1921.

EU PENSO que. **Maria**, ano 11, n. 7, p. 126, jul. 1923.

EUSTELLA, Maria. A'liça. **Maria**, ano 8, n. 1920, p. 132-133.

HABNER, E. June. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 43-64.

IGNEZ. O nosso concurso. **Maria**, ano 8, n.2, p. 22-23, fev.1920.

KARAWAJCZYK, Mônica. **As Filhas de Eva Querem Votar**: os primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (1850–1932). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. p. 276-285.

L, A. A. Diocese de Pesqueira. **Maria**, ano 10, n. 5, p. 78, mai. 1922.

LEMOS, Carolina Teles. Maternidade e religião: entre o ideal de altar-trono de Maria e o real da vida cotidiana das mulheres. In: LEMOS, Carolina Lemos; SOUZA, Sandra Duarte de. **A casa, as mulheres e a Igreja**: gênero e religião no contexto familiar. São Paulo: Editora fonte, 2010. p. 82-169.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 443-481.

LUCA, Tania Regina de. História do, nos e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. In: São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 111-154.

MARIA. A moda. **Maria**, ano 10, n.11, p. 187, nov. 1922.

MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmen. Programa de mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 148-168.

O HOSPITAL centenário. **Maria**, ano 10, n. 7, p. 110, jul. 1922.

PEDRO, Joana Maria; Soihet, Rachel. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, 2000 v. 27. p. 281-300.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2007. p. 16- 36; 83- 96.

PESSOA, Maria Nilda. SIQUEIRA, Elizabeth Angélica Santos. Obordado das relações jornal/eleitoras ou a rede de sororidade. In:SIQUEIRA, Elizabeth Angélica Santos. **Um discurso femininopossível**: Pioneirasda imprensa em Pernambuco (1830-1910). Recife:Editora UFPE, 1995.

PETRONILLO. A ousadia da moda. **Maria**, ano 10, n. 08, p. 122, ago. 1922.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 469- 512.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma História do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 13-39.

RAGO, Margareth. Cultura feminina e tradição literária no Brasil(1900-1932). In: SWAIN, Navarro Tania; COUTO, Diva do. **Mulheres em ação: práticas discursivas, práticas políticas**. Florianópolis: Editora Mulheres. 2005. p. 195-216.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 578-606.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 333-359.

RUTH, Opinião do feminismo cristão. **Maria**, ano 8, n. 8, p. 108, ago. 1920.

RUTH. A mulher debaixo do ponto de vista socialista. **Maria**, ano 8, p. 79-80. jun. 1920.

RUTH. Os cinemas. **Maria**, ano 9, n. 3, p. 27, fev. 1921.

RUTH. Se isto pega. **Maria**, ano 8, n.3, p.41.mar. 1920.

RUTH. Sobre as danças. **Maria**, ano 13, n. 2, p. 28, fev. 1925. SCOTT, Ana Sílvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 15-42.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, 1995 v. 20. p. 71-99.

SIQUEIRA, Elizabeth Angélica Santos. Dos Alfinetes aos ideais. In:

SIQUEIRA, Elizabeth Angélica Santos. **Um discurso feminino possível:** Pioneiras da imprensa em Pernambuco (1830-1910). Recife: Editora UFPE, 1995. p. 33-53.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 218-237.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 362-400.

VIOLETA, Branca. Que papel está reservado hoje a jovem católica no lar doméstico? **Maria**. Recife, ano 8, n.1, p. 9, jan. 1920.

ZITA. Também a nós. **Maria**, ano 9, n. 11, p. 155, nov. 1921.